

**Thomás Melo Carvalhais Dutra**

**Ordem do Amor**

Uma análise da ética agostiniana

Monografia de Filosofia

Orientadora: Cláudia Maria Rocha de Oliveira

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2020

**Thomás Melo Carvalhais Dutra**

## **Ordem do Amor**

Uma análise da ética agostiniana

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética

Orientadora: Cláudia Maria Rocha de Oliveira

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2020

## **Folha de Aprovação**

---

Cláudia Maria Rocha de Oliveira

---

Bruno Pettersen

---

Rejane Maria de Lacerda Csenger

## **DEDICATÓRIA**

Agradeço imensamente a todos que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado, à minha família, a meus amigos, à Cláudia que suportou meus atrasos com paciência. A todos da FAJE que me deram a chance de realizar esse trabalho. Por fim agradeço a Deus que insistiu que esse trabalho fosse realizado. Dedico este trabalho a Ele e à Nossa Mãe que nos conduzem com fidelidade e amor nessa nossa peregrinação pela Terra.

## RESUMO

O presente trabalho é uma breve apresentação da ética agostiniana. Nele serão apresentados os elementos principais que a compõem, a saber, *ordem*, *beatitude* e *amor*. Faremos inicialmente um breve consideração a respeito dos conceitos de ética e do ethos cristão que vai inspirar Santo Agostinho. Depois faremos mais alguns comentários a respeito da obra de Agostinho e da sua vida. Então analisaremos os pontos principais da ética agostiniana. A ética de Agostinho gira em torno do conceito de ordem do amor na qual ele combina elementos da filosofia grega clássica com elementos do pensamento cristão nascente. Santo Agostinho vai compor uma ética que quer coordenar o agir humano numa relação harmoniosa com a sociedade da qual faz parte.

Palavras-chave: ética, amor, ordem, beatitude

## **ABSTRACT**

The present work is a brief presentation of Augustinian ethics. It will present the main elements that compose it, namely, *order*, *beatitude* and *love*. We will initially make a brief consideration regarding the concepts of ethics and the christian *ethos* that will inspire Saint Augustine. Then we will make a few more comments about Augustine's work and his life. Then we will analyze the main points of the Augustinian ethics. Augustine's ethics revolves around the concept of order of love in which he combines elements of classical greek philosophy with elements of nascent christian thought. Saint Augustine will compose an ethics that wants to coordinate human action in a harmonious relationship with the society of which it is a part.

Keywords: ethics, love, order, beatitude

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Ética Cristã.....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Ética Agostiniana.....</b>	<b>11</b>
<b>2. ELEMENTOS DA ÉTICA AGOSTINIANA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Ordem.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Beatitude.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 O Problema do Mal.....</b>	<b>19</b>
<b>2.4 Ordem do Amor.....</b>	<b>23</b>
<b>3. CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Santo Agostinho foi um importante autor dos primeiros séculos do cristianismo. Sua contribuição para o campo da filosofia e teologia foram inestimáveis. Considerado por muitos como um gênio intelectual, Agostinho faz um profundo estudo da filosofia e após sua conversão vai aprofundar seu conhecimento filosófico ao mesmo tempo que desenvolve um discurso teológico muito marcante. Suas ideias influenciaram fortemente a formação da Igreja nascente, contribuíram enormemente para a formação da doutrina e ética cristãs.

Agostinho desenvolverá uma ética filosófica que marcará toda a história do mundo, mais especialmente a ética vivida na Idade Média. Ele traz uma importante contribuição para a filosofia, especialmente no que diz respeito à ética. Com Santo Agostinho, conforme conta Vaz (2009, p.181) surgirá o primeiro modelo de uma filosofia cristã na história, fruto da assimilação da conceitualidade filosófica pela teologia.

O estudo da ética filosófica é de grande importância para o homem moderno. O ser humano possui a capacidade de usar a razão para conhecer da realidade algo além do que se lhe apresenta aos olhos, ele é capaz de refletir sobre o mundo para tentar conhecer-lhe o sentido. O ser humano é capaz de atribuir sentido para as suas ações, de agir pelo bem, ou de agir pelo mal. Não há, em todo o universo conhecido, mais nenhuma criatura capaz de agir dessa maneira. Isso é indicativo de que o homem não é um simples animal, chamado a viver numa sucessão de prazeres e confortos até atingir o fim de sua existência. Existe uma habilidade no homem que o torna capaz de elevar-se de sua simples condição animal e atingir a compreensão de conceitos como beleza, amor, sofrimento, compaixão. Dessa maneira a vida do homem deve refletir o que sua habilidade o permite alcançar. O ser humano é capaz de amar. Ele é capaz de elevar-se de sua simples condição de animal e realizar um ato de pura entrega. Nenhum outro ser material é capaz disso, mesmo que nós tenhamos nos esquecido de como realizar isso.

O presente trabalho é uma breve exposição da ética agostiniana. Serão utilizadas frequentes citações das obras de Santo Agostinho com o objetivo de esclarecer os pontos referidos de sua ética. Dentre as obras citadas: *Confissões*, *O Livre-Arbítrio*, *Cidade de Deus*, *A Doutrina Cristã*, *A Ordem*, *A Vida Feliz* e *Sobre os Costumes da Igreja Católica*. Algumas vezes foram entrelaçados comentários a respeito do tema pelos autores Étienne Gilson em seu livro *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*, Philotheus Boehner & Étienne Gilson do livro *História da Filosofia Cristã* e por Henrique Cláudio de Lima Vaz em seu livro *Escritos de Filosofia IV*.

O primeiro capítulo é uma exposição inicial de algumas considerações a respeito do tema. Nele são explicitados os conceitos de ética, *ethos*, da ética cristã que inspirará Santo Agostinho e

algumas considerações a respeito do pensamento teológico e filosófico dele. No segundo capítulo são explorados os temas principais que vão compor a ética agostiniana *ordem*, *beatitude*, o problema do mal e como esses conceitos vão conduzir a reflexão de Santo Agostinho a elaborar o conceito principal de sua ética, a ordem do amor. Na conclusão é feita uma breve recapitulação do tema enquanto abordamos a relevância dele.

# 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

## 1.1 Ética Cristã

Uma primeira consideração a ser feita é justamente a respeito do termo ética cristã. Conforme Lima Vaz (2009, p.169) esclarece, é inadequado falar em uma ética do novo testamento ou em ética do antigo testamento, porque ética é um termo que se compreende dentro de uma cultura onde a razão tem a primazia na sociedade. A noção de ética nascerá com os gregos por quem a razão começa a ser pensada como instrumento para conhecer a realidade. O que o cristianismo traz, antes de sua sistematização ética, é um saber ético, expressão de um *ethos*. O saber ético é um saber codificado, intrínseco do *ethos*. (VAZ, 2009, p.46). O saber ético é a expressão de um *ethos* vivido, no seio de uma comunidade, de uma época específicas. O *Ethos* é “a realidade histórico-social dos costumes e sua presença no comportamento dos indivíduos” (VAZ, 2009, p.13). Assim, portanto, a ética é definida como um estudo que submete “o *ethos* tradicional a um discernimento, a uma crítica, a uma legitimação e a uma organização sistemática, segundo os critérios da razão” (VAZ, 2009, p.169). Logo, o *ethos* cristão vai designar o conjunto de normas e leis do cristianismo nascente e como eles estão presentes no agir dos indivíduos que vivem sob tais normas cristãs. A ética cristã será formada a partir da sistematização realizada do *ethos* cristão e será Santo Agostinho que desempenhará um papel importantíssimo nesse processo. Ainda segundo Vaz (2009, p.185) a ética agostiniana é formada a partir da sistematização do *ethos* cristão por uma conceptualidade filosófica, assim ela só pode ser compreendida tendo em vista o *ethos* cristão, o qual forma a base da teologia agostiniana.

O *ethos* cristão é formado com a expansão do cristianismo dos séculos I ao III. O Cristianismo tem uma rápida expansão pelo mundo oriental, fato que se explica em parte devido a seu aspecto universalista, em oposição ao particularismo judeu da época, o que faz com que ele se difunda mais facilmente pelos povos que compõem o mundo da época. Outro aspecto que contribuiu muito para isso é a sua capacidade de inculturação e assimilação das culturas que o circundam, nesse caso, da cultura helenística. Apesar disso, paradoxalmente, o Cristianismo vai se distanciar de quaisquer condicionamentos externos seja, geográfico, religioso, cultural ou político e vai aos poucos adquirir uma identidade própria. E apesar de assimilar o conteúdo do meio que o circunda, seu corpo doutrinário conservará o conteúdo original do anúncio dos primeiros séculos.

Conforme Lima Vaz (2009, p.170) explica, discutindo mais a respeito do *ethos* cristão, Jesus realizou uma das maiores revoluções éticas da história. O conteúdo de Sua pregação, registrada principalmente por seus discípulos nos evangelhos, em especial no Sermão da Montanha e na pre-

gação da palavra pelos apóstolos, conservada principalmente nas cartas de São Paulo e São João, fará surgir um saber ético que supera muito o de sua época. O *ethos* cristão gira em torno do seguimento de Cristo. Ele é o modelo exemplar a ser imitado. Jesus é identificado como a própria verdade, encarnada em um ser histórico, o *Logos* feito carne, coisa impensável para um grego. O cristão faz a experiência do Deus único e criador, revelado plenamente na pessoa de Jesus Cristo, e que se revela também como o seu fim, realização plena de todos os seus anseios, sua verdadeira bem-aventurança. Assim o cristão é chamado a ter uma atitude de total obediência na fé, que, através da pessoa de Cristo, se manifesta como uma experiência de filialidade divina. Será por influência desse *ethos* que Santo Agostinho viverá e escreverá suas obras.

## 1.2 Ética Agostiniana

Segundo Vaz (2009, p.180-181) não se pode falar em Santo Agostinho como um filósofo no sentido estrito do termo. Um primeiro ponto a se levantar é como separar em Agostinho a Filosofia da Teologia. Uma opção seria descartar completamente a filosofia cristã como objeto de estudo válido. Mas isso seria um erro grave e uma grande ferida para a Filosofia, já que a filosofia cristã constitui grande parte da história da filosofia. Isso se aplica com ainda mais força para Santo Agostinho. Existe uma dimensão marcadamente filosófica em Agostinho e na sua ética. No entanto Santo Agostinho é guiado essencialmente por uma intenção teológica, mas faz uso de categorias filosóficas para fazer a sua análise teológica. Santo Agostinho é lembrado como eminente teólogo da era medieval mas também há um espaço para ele na filosofia. Ele será o primeiro modelo de uma filosofia cristã na história.

Conforme Lima Vaz (2009, p. 182) Santo Agostinho vai inaugurar da maneira mais clara na história a noção do eu. Agostinho em suas obras aponta continuamente para sua experiência interior, segundo Vaz

é na busca da interioridade que estão presentes em cada um dos seus grandes diálogos intelectuais nele se entrelaçam de maneira original e profunda uma experiência intelectual e moral uma experiência religiosa e uma experiência Cristã conduzida pelo fio de ouro da regula fidei.(VAZ, 2009, p. 182)

Dessa forma o caminho de conversão que Santo Agostinho trilha ao longo da sua vida vai refletir o seu desenvolvimento filosófico. Conforme Vaz (2009, p. 182) vai pontuar, cada etapa que Agostinho perpassa vai marcar um desenvolvimento do seu pensamento, dessa forma é importante pontuar aqueles acontecimentos que mais o marcaram. Dois momentos são especialmente relevantes. O primeiro é a leitura do diálogo *Hortêncius* de Cícero, um diálogo hoje perdido. Esse diálogo marca profundamente Agostinho e vai imprimir em sua alma um grande amor pela sabedoria. Agostinho será conduzido agora em direção a busca da verdade. a partir disso Agostinho vai se dedicar mais intensamente a leitura de livros filosóficos e começa a perceber a fragilidade do maniqueísmo e se desligar dessa doutrina mesmo que não completamente. O segundo momento teve ocasião em Milão que quando Agostinho começa a viver mais intensamente com círculo neoplatônico e conhecer mais de perto essa doutrina, onde ele chega a ler os livros neoplatônicos, que hoje se reconhece serem os textos de Plotino e Porfírio. Nesse momento Agostinho abandona definitivamente o mani-

queísmo critica o ceticismo e adere plenamente a teoria do conhecimento e a metafísica neoplatônica. O neoplatonismo será uma parte muito importante da ética agostiniana e muitos autores veem Agostinho como um dos maiores representantes do neoplatonismo, e que mesmo após a sua conversão, permanecerá sempre em acordo com ele. Agostinho se converte e recebe o batismo em 387 e depois disso vai se dedicar intensamente à leitura e reflexão das Sagradas Escrituras. Mas muitos autores também enxergam em Santo Agostinho uma segunda conversão cristã. Depois de se dedicar profundamente ao estudo e reflexão, o pensamento de Agostinho atinge uma maturidade maior e ele apresentará sua interpretação dos textos paulinos, discutindo sobre a absoluta gratuidade da graça, em algumas de suas obras, entre elas o seu livro *De diversis questionibus ad Simplicianum, libro duo* e *De diversis quaestionibus libri 83*. Neste Agostinho vai dar forma definitiva à sua teologia.

A ética agostiniana vai se utilizar de muitos conceitos da filosofia grega e reinterpretá-los à luz do *ethos* cristão. Lima Vaz discutirá principalmente as noções, presentes na ética de Santo Agostinho, de *ordem*, *beatitude* e o problema do mal, que formarão as bases do que Agostinho introduzirá como a ordem do amor.

## 2. ELEMENTOS DA ÉTICA AGOSTINIANA

### 2.1 Ordem

Santo Agostinho se utiliza da ideia de ordem para organizar a sua ética. Segundo Vaz (2009, p. 186) ela é “a ideia diretriz que guia a reflexão agostiniana nos diversos campos em que se exerceu sua inteligência da fé, desde os problemas de natureza ética às mais altas questões especulativas”

Lima Vaz (2009, p.186) explica que para Santo Agostinho o mundo exterior ao homem tem uma ordem, os seres que circundam o homem, e também seu mundo interior, as paixões e seus desejos, tem uma ordem estabelecida. Assim é através da ordem que Santo Agostinho compreende a relação entre os seres. Agostinho se utiliza das duas fontes mais caras a ele para compor seu pensamento, a tradição bíblica-cristã e a tradição da filosofia antiga.

Platão, na sua ética, compreende o ideal de um estado perfeito, ele falará que existe uma relação entre a alma e o estado. Existe uma ordem estabelecida no homem e as suas virtudes, que o põe em relação com o mundo que o circunda. O homem, na ética platônica, tem de ordenar o seu mundo interior, sua alma através da prática das virtudes. Em Platão a alma está dividida em três partes, a *apetitiva*, a *irascível* e a *racional*. A cada parte corresponde uma virtude que a rege para que a alma atinja sua perfeição, a apetitiva será regida pela virtude da *temperança*, a irascível será regida pela virtude da *coragem*, a racional será regida pela virtude da *sabedoria*. A justa medida na prática destas três partes conduz à virtude suprema, a *justiça*. E há uma correspondência entre as partes da alma humana e o mundo político. Como a alma, a cidade também deveria estar dividida em três partes, o povo, os guerreiros e os governantes, e a cada parte da cidade, ou classe caberia uma virtude. O povo deveria praticar a temperança, os guerreiros deveriam praticar a coragem, os governantes deveriam praticar a sabedoria. A justiça também desempenha um papel importante pois a ela corresponde ao bom funcionamento do estado e da harmonia entre as três partes. (REALE, 2007, p. 245-249)

Santo Agostinho se inspira em Platão para compor seu pensamento. Ele compreende um universo perfeitamente ordenado. Agostinho fala de uma hierarquia qualitativa e quantitativa entre os seres. Em seu diálogo *O Livre Arbítrio* (II 3, 7 p.58), Santo Agostinho vai falar a respeito de três realidades que os seres podem possuir: o ser, o viver e o entender. Existem os seres que possuem apenas o ser, como por exemplo a pedra, existem os seres que possuem o ser e o viver, as plantas e os animais e existem os seres que possuem as três, o homem. Daí Agostinho diz que quanto mais dessas realidades possui o ser ele se encontra num patamar superior com relação aos demais. Logo, o homem, que possui as três, é superior a todos os outros.

É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas. (AGOSTINHO, *O Livre-Arbitrio* II 3, 7 p.58)

Santo Agostinho compreende assim a superioridade do homem, que possui a razão. Mas isso não lhe basta. Se o homem, dotado por Deus da razão, não domina suas próprias paixões ele não está perfeitamente ordenado. Para Agostinho no homem ordenado, “a razão domina todos os movimentos da alma” (*O Livre Arbitrio*, I 8.18 p.33), só o homem em que a razão domina tudo é que está perfeitamente ordenado, e somente este homem pode ser considerado sábio (*O Livre Arbitrio* I 9, 19 p.33). O homem não pode ceder às paixões pois isso subverte a ordem das coisas. A razão, que é naturalmente superior e mais elevada, não deve ceder às paixões que lhes são naturalmente inferiores.

A partir desses diálogos fica claro como Santo Agostinho se utiliza da ideia de ordem para fundamentar a sua ontologia e a sua ética, conforme explica Vaz (2009, p.186). Ela articula, ordenadamente, o múltiplo da experiência humana e dos seres que se apresentam ao homem, e o refere a um princípio transcendente; de outro lado essa ordenação ontológica constituirá o fundamento da racionalidade do agir ético. Santo Agostinho, em seu diálogo *A Ordem*, usa da reflexão a respeito de um ruído de um curso d'água para desenvolver a sua reflexão, e aos poucos chegar ao conhecimento de si mesmo e elevar-se a contemplação de Deus.(VAZ, 2009, p.186). Nesse diálogo Santo Agostinho reflete a respeito da ordem das coisas, a beleza da proporção e da simetria, da razão que governa tudo e, no final do diálogo, refere toda essa ordenação a Deus. Conforme Agostinho (*A Ordem* X, 28, p.134) “a ordem é aquilo pelo qual são feitas todas as coisas que Deus estabeleceu”.

“Mas quando a alma se adorna e se ordena e se torna harmoniosa e bela, ousará ver a Deus e a mesma fonte de onde mana toda a verdade e ao próprio Pai da Verdade.” (AGOSTINHO, *A Ordem*, XIX, 51, p.145).

É nesse sentido que Agostinho compreende a ordem. A ordenação de todas as coisas provém de Deus, e refere todas as coisas a Ele. A ordem divina das coisas organiza o mundo e os seus seres, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Cada ser na natureza, criado por Deus, tem o seu papel e o seu lugar. O homem também deve ordenar a sua própria alma a Deus, de modo a se encaixar perfeitamente nessa ordem. Assim ele não deve ceder às paixões e ao pecado, o que seria submeter seu aspecto racional ao seu aspecto animal, invertendo a ordem das coisas.

E, Santo Agostinho dirá, o fruto da ordem é a paz. A paz no interior da alma humana, do homem com seus semelhantes e do homem com Deus vem dessa relação perfeitamente ordenada

que o ser humano pode estabelecer. É o que Vaz(2009, p.187) fala a respeito dessa definição agostiniana de paz. Ela implica numa concepção ontológica de universo perfeitamente ordenado

Assim, a paz do corpo é a ordenada complexão de suas partes; a da alma irracional, a ordenada calma de suas apetências. A paz da alma racional é a ordenada harmonia entre o conhecimento e a ação, a paz do corpo e da alma, a vida bem ordenada e a saúde do animal. A paz entre o homem mortal e Deus é a obediência ordenada pela fé sob a lei eterna. A paz dos homens entre si, sua ordenada concórdia. A paz da casa é a ordenada concórdia entre os que mandam e os que obedecem nela; a paz da cidade, a ordenada concórdia entre governantes e governados. A paz da cidade celeste é a ordenadíssima e concordíssima união para gozar de Deus e, ao mesmo tempo, em Deus. A paz de todas as coisas, a tranquilidade da ordem. A ordem é a disposição que às coisas diferentes e às iguais determina o lugar que lhes corresponde. (AGOSTINHO, A Cidade de Deus parte II p. 472)

Gilson (2007, 329) explicará que a paz é o objetivo de todas as sociedades. Mesmo quando fazem a guerra, fazem a guerra porque buscam a paz. Discordam em que consiste a paz que buscam, cada povo quer estabelecer como regra sua própria definição de paz, mas todos os povos buscam a paz. E, como foi visto, o fundamento da paz é a ordem.

## 2.2 Beatitude

À ideia de ordem está ligada a ideia de fim. Vaz (2009, p.188) comenta que a ordenação da realidade, das coisas e dos seres, pode ser já considerada um fim em si mesmo, mas também orienta o ser submetido a um fim no qual ele encontra sua plena realização. Em Santo Agostinho estas duas ideias estão harmoniosamente ligadas.

Santo Agostinho concebe o fim a partir do *ethos* cristão. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, vem de Deus e só Nele pode encontrar sua plena realização. Encontrar-se com Deus é a beatitude a qual o ser humano pode aspirar.

Santo Agostinho se ocupou muito com a questão da busca da felicidade. Ele refletirá muito sobre isso em suas obras, e a sua própria vida foi afetada por essa questão. Gilson (2007, p.17) comentará que Santo Agostinho sempre identificou a sabedoria com a beatitude. Assim, durante toda sua vida, tudo o que ele passou, suas dúvidas e seus sofrimentos, com objetivo de atingir a verdade, eram também um movimento de sua alma que buscava a beatitude. A beatitude, Santo Agostinho dirá, é o fim de todo ser humano, todo homem busca a felicidade, podem divergir no que consiste essa felicidade, mas todos querem ser felizes (*A Vida Feliz* II, 10, p.88).

Para Santo Agostinho (*A Vida Feliz* IV, 33, p.103) o gozo da felicidade só pode consistir nos bens da alma. Agostinho definirá como feliz aquele homem que tem tudo o que quer e não quer nada que lhe seja mal. Pois há a possibilidade, nessa vida, de desejar algo para si que seja um mal para a alma. E para se alcançar a beatitude é necessário perseguir os bens da alma através da prática das virtudes.

Em seu diálogo *A Vida Feliz*, toda uma obra dedicada ao tema da beatitude, Agostinho explica que todo ser humano almeja a felicidade e só será feliz se possuir o que deseja. No entanto, Agostinho explicará que isso não basta para fazer o homem feliz. Se o bem ao qual almeja não é verdadeiramente um bem, ou se ele for transitório, o homem experimentará a infelicidade, seja porque possui algo que não é um bem, seja pelo medo de perder esse bem. Portanto, para satisfazer plenamente aos anseios do homem, esse bem tem que ser imutável e eterno. Agostinho segue concluindo: só Deus pode ser o verdadeiro bem.

Por conseguinte, estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte. — Já concordamos com isso, diz Trigésio. — Então, qual a vossa opinião? É Deus eterno e imutável? — Eis aí uma verdade tão certa que qualquer questão se torna supérflua, interveio Licêncio. Em piedosa harmonia, todos os outros disseram-se de acordo. Concluí então: — Logo, quem possui a Deus é feliz! (AGOSTINHO, *A vida feliz* II, 11, p. 90)

Vaz (2009, p.190) dirá que a obra *De Moribus Ecclesiae catholicae* é uma das melhores exposições da ética cristã. Nesta obra, Agostinho se utiliza de algumas categorias da ética clássica e as repensa à luz do *ethos* cristão. O livro tratará de demonstrar como a busca da beatitude e a lei do amor são o fundamento do Antigo e do Novo Testamentos. E depois, em sua segunda parte, se utilizará do conceito clássico de virtude, e irá referi-lo à lei fundamental do amor.

Seguir a Deus é o desejo da beatitude; alcançá-Lo é a própria beatitude. Seguimos a Deus amando-O; alcançamos Ele não tornando-se totalmente o que Ele é, mas em aproximação a Ele, em um contato maravilhoso e imaterial com Ele, e sendo interiormente iluminado e ocupado por Sua verdade e santidade. Ele é a própria luz; somos iluminados por Ele. O maior mandamento, portanto, o que conduz à vida feliz, e o primeiro, é este: “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração, tua alma e tua mente.” Pois para os que amam o Senhor, todas as coisas ocorrem para o bem. (AGOSTINHO, Of the morals of the catholic church XI, 18, p.46, tradução nossa)

Assim Santo Agostinho compreende que quem possui a Deus é perfeitamente feliz, já que Deus é eterno e a felicidade que Ele proporciona é sem fim, um bem que está fundamentalmente na alma. E, como já foi dito, para Santo Agostinho alcançar o bem eterno implica na prática das virtudes, que está relacionada com a prática da lei do amor.

Santo Agostinho recebe a herança das quatro virtudes platônicas, temperança, coragem, sabedoria, justiça, e as repensa à luz do *ethos* cristão. Platão, como já mencionado, compreenderá o bem como sendo a alma perfeitamente ordenada através da prática das quatro virtudes, temperança, coragem, sabedoria e justiça. Santo Agostinho, no seu livro *O Livre Arbítrio* (I, 13, 27, p.39) falará da prática do bem e compreenderá o bem como a prática de quatro virtudes. *Prudência*, que Agostinho define como o conhecimento perfeito das coisas que devem ser evitadas e das coisas que devem ser desejadas, *fortaleza*, que é a capacidade da alma de suportar o sofrimento, a perda das coisas que nos escapam do controle, *temperança*, que é definida como a capacidade de conter o nosso desejo para longe das coisas más e a *justiça* que é a sabedoria de dar a cada um aquilo que lhe convém.

Então Santo Agostinho relaciona cada uma dessas virtudes com o amor. Segundo Agostinho a virtude conduz à beatitude, logo a prática dela está profundamente relacionada ao amor de si e do próximo e ao amor de Deus, que é a beatitude suprema.

Quanto a ser a virtude a nos conduzir à beatitude, mantenho ser a virtude nada mais que o perfeito amor de Deus. Pois da divisão da virtude em quatro, eu compreendo que são quatro formas de amor. Pois estas quatro virtudes (fosse que todos sentissem sua influência na mente enquanto tem seus nomes em seus lábios!), eu não tenho nenhuma hesitação em defini-las: que temperança é o amor se dando inteiramente a seu objeto de amor; fortaleza é o amor que prontamente suporta tudo pelo objeto de seu amor; justiça é o amor servindo somente ao objeto amado e portanto, governando com justiça; prudência é o amor distinguindo com sagacidade entre aquilo que lhe obstrui e aquilo que o ajuda. O objeto de amor não é qualquer coisa, senão Deus, o sumo bem, sabedoria mais elevada, harmonia perfeita. Então podemos dar a seguinte definição: que temperança é se manter inteiramente e incorrupto para Deus; fortaleza é o amor suportando tudo prontamente por Deus; justiça é o amor servindo somente a Deus, e portanto, governando tudo o mais bem, como sujeito ao homem; prudência é o amor fazendo a correta distinção entre o que o conduz a Deus e o que o afasta. (Of the morals of the catholic church, I 15, 25. p.48, tradução nossa)

## 2.3 O Problema do Mal

Conforme Vaz (2009, p.192) O problema do mal, posto no contexto da reflexão sobre a idéia de ordem e da beatitude, levanta a questão sobre qual é o fim último da ordem, que é também o seu princípio, a questão de Deus.

O problema do mal e do livre-arbítrio suscita, pois, no horizonte da reflexão sobre a ideia da *ordem* e da *beatitude*, a questão fundamental sobre o *fim último* da ordem, que é igualmente seu princípio: a questão de Deus. Como tal, Deus é necessariamente o objeto supremo da *beatitude*, e é nessa supremacia absoluta (...) que a metafísica da *ordem* e o seu prolongamento *ético* na doutrina da *beatitude* encontram o fundamento último. (VAZ, 2009, p.192)

Assim a reflexão de Santo Agostinho sobre o mal contribuirá para ele encontrar em Deus o fundamento último da ordem e da beatitude.

O problema do mal ocupará por muito tempo a mente de Agostinho. De acordo com Lima Vaz (2009, p.191) “(...) o problema do mal, presente no próprio cerne da doutrina maniqueia, atormentou Agostinho desde os tempos de Cartago (...)” Agostinho nos conta em *Confissões* (III 7, 12-14, p.53-54; VII 3,4-5,7 p.108-111) que quando indagado não conseguia dar resposta a essa questão, ele passará muito tempo buscando uma resposta satisfatória sem, no entanto,- conseguir respondê-la. Santo Agostinho não conseguia compreender como Deus, o criador de todas as coisas, poderia ter criado o mal. Ele descreve a questão indagando sobre qual é exatamente a natureza do mal, qual sua substância. O maniqueísmo, ao qual ele havia aderido durante um tempo, oferece algumas respostas para isso, mas não satisfaz Agostinho.

Gilson (2007, p.435-437) explicará que Mani, fundador do maniqueísmo, ensinava a existência de dois princípios eternos e opostos, perpetuamente em conflito um com o outro: a Luz e as Trevas. A Luz é identificada como Deus, as Trevas são o mal. A história do mundo é o desenrolar do conflito entre essas duas potências. O maniqueísmo inseria Agostinho num materialismo que dificultou para ele a verdadeira compreensão de Deus e do problema do mal.

Agostinho se sentia obrigado a aceitar a resposta que os maniqueus ofereciam, mas isso não resolvia a questão completamente para ele. Conforme Vaz (2009, p.191), Agostinho só vai encontrar uma resposta a essa questão no curso de sua vida, ao encontrar-se com o neoplatonismo e com o cristianismo.

Boehner e Gilson (2012, p.146-147) farão uma ampla análise do problema do mal em Santo Agostinho e explicarão como ele chega à sua resposta. Santo Agostinho relata em seu livro *Confissões* (VII 9, 13, p.114) como chegou a entrar em contato com os escritos neoplatônicos e como a leitura desses escritos o impressionou profundamente, ele chega até a descrever uma experiência mística que experimentou no livro. Se deu conta, nesse momento, dos diversos pontos de contatos entre o neoplatonismo e o cristianismo, se deparou nesses livros com uma metafísica do espírito altamente desenvolvida que foi decisiva para sua descoberta da solução ao problema do mal. Agostinho vai relatar grandemente os passos que ele trilha no seu livro das *Confissões*. Cada passo que ele dá representa um desenvolvimento do seu pensamento, que o ajuda a perceber a verdadeira natureza do espírito e o conduz à resposta para a questão do mal.

Segundo Boehner e Gilson (2012, p. 146) Santo Agostinho “recebeu em primeiro lugar a noção de uma luz incorporeal invisível e puramente espiritual”. Uma luz totalmente sublime que supera tudo o que é visível pois é princípio da verdade, causa de todas as coisas. Agostinho descobriu a presença de Deus. Santo Agostinho compreenderá que Deus se dá a conhecer no interior do homem e que somente quando o homem se afasta dos sentidos e do mundo sensível é que o homem consegue alcançar verdadeiramente a luz de Deus, pois esta se encontra acima do espírito e só pode ser atingida se *transcendemos o que há de mais elevado em nós*.

Agostinho dá aqui um importante primeiro passo que contribui para afastar Agostinho do materialismo. Conforme ele relata em *Confissões* (VII 5, 7 p.110-111) ele concebia Deus e seus anjos como substâncias corpóreas. Essa nova percepção o ajuda a rever essa posição, compreendendo a verdadeira natureza do espírito.

“Em segundo lugar Agostinho deve aos platônicos a doutrina da diversidade radical entre o ser absoluto, o único verdadeiramente digno do nome de ser, e o ser meramente participado.” (Boehner; Gilson, 2012, 146) Relacionando o neoplatonismo com as Sagradas Escrituras Agostinho descobre a diferença entre o ser absoluto e o relativo. Deus é o único ser verdadeiramente absoluto, todos os outros são apenas relativos. Deus é único e imutável e todas as outras coisas são mutáveis, por isso só Deus existe verdadeiramente os outros seres em comparação com Ele não tem verdadeira existência. Agostinho perceberá que os outros seres são perecíveis, eles existem, enquanto recebem de Deus o seu ser, e ao mesmo tempo não existem, enquanto estão abaixo Dele e não tem verdadeira comparação com o ser Dele, mas tem uma finitude. Só existe verdadeiramente o que é imutável.

“Em terceiro lugar Agostinho deve aos platônicos a persuasão de que todas as coisas que existem são boas.” (Boehner; Gilson, 2012, 146). Agostinho percebe que, se as coisas são corruptí-

veis, é porque elas são boas. As coisas que se corrompem sofrem uma diminuição do seu bem, logo elas são boas. A corrupção supõe um grau de bondade.

Agostinho não conseguia compreender o mal dado que Deus criou tudo e tudo o que Deus criou é bom. Não deveria haver lugar para o mal, ele não deveria existir. Ora, Agostinho passa a refletir que os outros seres que não Deus são finitos, são perecíveis e que podem sofrer, e sofrem de fato, uma corrupção. A corrupção é um mal, mas ela implica que o ser corrompido é um bem. Assim Agostinho conclui, todas as coisas que Deus criou são boas.

“Donde se segue que o mal não é senão a privação de um bem e que o mal como tal não existe.” (Boehner; Gilson, 2012, 147). Agostinho chega finalmente a sua conclusão. Todas as coisas são boas logo o que não é bom, ou seja, o mal, não pode existir. O mal se apresenta na medida em que as coisas sofrem alguma privação do seu ser, ou seja, se corrompem. O mal é uma privação do ser, uma destituição do ser.

“Por todas estas razões, o mal não pode originar-se de Deus”. (Boehner; Gilson, 2012, 147). Sendo o mal não-ser, é impossível que Deus tenha lhe dado a existência, já que Deus criou todas as coisas que existem e que são boas. Portanto, Deus não criou o mal. Assim Agostinho chega à sua resposta, que por tanto tempo o preocupou. O mal, e o pecado, não tem uma substância, mas são a privação de algo que deveria estar presente. O mal é uma desordem.

Santo Agostinho descobre que o mal é uma ausência, não uma presença, o mal não é uma substância. Mas isso não o satisfaz. Outra questão relacionada que ocupará Santo Agostinho é sobre a origem do mal, de onde procede o mal? Agostinho refletirá sobre essa questão em seu diálogo, *O Livre Arbítrio*. Nele Agostinho tratará a respeito da origem do mal discutindo como esse problema se relaciona com o livre-arbítrio e a vontade humana. Agostinho observará que o mal é praticado por uma vontade que o deseja. Ele identificará o mal com o pecado e definirá o pecado como o “ato de vontade de afastar-se de Deus” (p. 92). Então Agostinho refletirá a respeito da condição do homem inclinado ao pecado, à maldade. Adão e Eva ao pecarem no Éden assumiram uma culpa para toda a raça humana. A partir deles, todos os seus descendentes herdaram a corrupção deles, dessa forma a vontade do homem se encontra debilitada. Agostinho defenderá que é o orgulho que está na base de todo pecado. É a alma que se enamora de si mesma e se afasta de Deus. Agostinho alcançará o centro da discussão a respeito da origem do mal ao concluir que é “a vontade desregrada a causa de todos os males” (p. 139). Daí Agostinho discutirá que o livre-arbítrio ainda constitui um bem apesar do mal-uso que se possa fazer dele e que o homem pecador ainda contribui à beleza e à ordem das coisas. Assim, Agostinho concluirá que o mal e o pecado, que não são necessários à ordenação divina das coisas, não conseguem apagar o bem e a beleza da criação.

Deus é, pois, o Criador de todas as naturezas: não somente daquelas que haviam de perseverar na virtude e na justiça, como daquelas que haveriam de pecar. Estas Deus as criou não para que pecassem, mas para que acrescentassem algo à beleza do universo, quer consentindo, quer não ao pecado. Se aqueles seres espirituais que ocupam o cume da ordem universal tivessem falhado e aceitado pecar, o universo ter-se-ia enfraquecido e deteriorado e algo de grande teria faltado à criação. Pois faltaria aquilo cuja ruína perturbaria o equilíbrio e a harmonia dos seres. Tais são aquelas criaturas tão excelentes, santas e sublimes, potestades celestes ou supracelestes, das quais só Deus é o Senhor e ao qual o mundo inteiro está submetido. Sem a função delas, cheia de justiça e de perfeição, nosso universo não subsistiria. Do mesmo modo, aquelas outras criaturas que podem pecar ou não, no caso de não existirem, a ordem do universo não se alteraria. Nesse caso, entretanto, muito de considerável teria faltado. Posto que, com efeito, são almas racionais, por certo dessemelhantes por suas funções daqueles espíritos superiores, mas igualando-os em sua natureza. (AGOSTINHO, O Livre-Arbítrio III 11, 32 p.128)

O mal é uma possibilidade radical do livre arbítrio do homem, é o que Santo Agostinho compreenderá. Do mal uso do livre arbítrio decorre o mal moral presente no mundo. O mal afasta o homem de Deus, seu Criador, objeto da beatitude e introduz a desordem na criação ordenada teologicamente. No entanto, o mal implica num bem. Para que ocorra o pecado, é necessário o homem cuja natureza é boa. Conforme Gilson (2007, p.274): “Uma vontade má é, portanto, uma vontade que, enquanto tal, é boa, mas a qual falta plenamente ser o que deveria ser; aqui, não mais do que em outros lugares, o mal não pode existir fora do bem”. Assim, Agostinho vai compreender que o mal, sendo uma ausência, implica sempre no bem.

## 2.4 Ordem do Amor

Santo Agostinho parte de uma concepção ordenada de universo. Ele recebe essa idéia do estudo da filosofia antiga, mais especialmente do neoplatonismo, e reordena isso conforme o *ethos* cristão. Assim Agostinho concebe um universo ordenado e bom, fruto da infinita sabedoria e onipotência do Criador. Ele conceberá a ética sempre em relação ao neoplatonismo e o *ethos* cristão. É também, dessa forma que Agostinho trabalhará ao conceito mais importante de sua ética: o amor.

Conforme Gilson e Boehner (2012, p. 188-189) compreendem o ser humano é dotado de vontade. A vontade do homem é a expressão mais central da alma. Conforme Agostinho (*A Cidade de Deus* parte II, XIV 6, p. 158) o homem pode sentir afeições da alma, o desejo, a alegria, o medo e a tristeza, que podem ser compreendidos como objetos que podem ser aceitos ou rejeitados pela vontade. Gilson e Boehner dirão, fazendo uma referência à física grega, que o peso da vontade é o amor. De acordo com a física grega, todo corpo tende para seu lugar natural em função de seu peso. O fogo tende para o alto, a terra para baixo, a água e o ar tendem para um lugar intermediário entre o fogo e a terra. Pois bem, Agostinho compreenderá em *Confissões* (XIII 9, 10, p.246) que o peso da vontade é o amor. O amor é a força que vai conduzir, para Santo Agostinho, o homem no seu agir. O homem, forçosamente, vai dirigir o seu amor para um lugar, se não ao bem, então ao mal. Agostinho (*Comentário aos Salmos* 1-50 31 II 5, p. 216) chega até a dizer “Só o amor leva alguns até a praticar o mal. Mostra-me um amor ocioso, inoperante. Não é o amor que pratica todas as maldades, os adultérios, os crimes, os homicídios, a luxúria?”.

Santo Agostinho compreende assim então o amor como sendo a força motora que vai realizar perfeitamente a ordem moral do homem. Conforme Gilson e Boehner (2012, p. 188): “A força motriz para a realização da ordem moral é o amor, que remata na caridade. Sua força orientadora é a vontade, que culmina na liberdade. Sua consumação é a ordem da caridade”.

Conforme explica Vaz (2009, p. 192-193) Agostinho exporá no seu livro *A Doutrina Cristã* da maneira mais exaustiva aqueles conceitos que serão capitais na ética agostiniana, a saber, o conceito de uso e fruição. É na primeira parte da obra que ele explicitará os conceitos de uso e de fruição. Santo Agostinho defenderá que há de se fazer distinção entre as coisas e os sinais. Toda doutrina, diz ele, pode ser reduzida ao ensino das coisas e dos sinais. Sinais são empregados para significar outras coisas além deles mesmos. Coisa é tudo que não é usado para significar outra coisa, ela tem uma realidade própria, pois se não tivessem, não existiriam. E com elas o homem pode se relacionar de duas formas, gozando delas, fruindo delas, ou se utilizando delas. Boehner e Gilson (2012, p. 193) esclarecerão que fruição é “*afeiçoar-se a uma coisa por amor a ela mesma*”, e o uso é “*servir-se de algo para alcançar um objeto que se ama*”. Assim Agostinho dirá muitas vezes em suas obras que pode-se fruir de muitas coisas, ou gozar delas e que de outras coisas nós apenas nos

utilizamos. Estes serão os conceitos que Santo Agostinho se utilizará para compreender o amor na sua ética. Segundo Vaz

a ordem da vida moral é, pois, regida pela ordem do amor que se desdobra na esfera do uso como amor de si mesmo e dos outros segundo reto modo e os graus correspondentes, e se eleva finalmente a esfera da fruição como amor de Deus amado em si mesmo e por si mesmo. (VAZ, 2009, p. 193).

Assim, em essência Santo Agostinho defenderá que o homem deve ordenar o seu amor de modo correto a fim de se encaixar perfeitamente à ordem das coisas, segundo Deus. O homem deve se utilizar das coisas para fruir fundamentalmente só de Deus. Deus é o bem supremo, compreende Agostinho, Dele só se pode fruir por si mesmo. Das outras coisas, há de se utilizar delas para alcançar o fim último, o sumo bem, Deus. Agostinho se utiliza dos conceitos de uso e fruição para avaliar a vida moral do homem. Dessa forma, o amor se apresenta, para Santo Agostinho, como a atividade principal do homem e o centro de sua moralidade

O problema central da moralidade é, portanto, o da reta escolha das coisas a serem amadas. Não que haja a menor dúvida quanto ao objeto último do nosso querer: este não pode ser outro que não o próprio Deus (...). Trata-se apenas de determinar e de querer o que é realmente apto a conduzir menos a Ele. Ora, o que pode levar-nos a Deus é a “caritas”, ou seja, o amor a Deus. (Gilson; Boehner, 2012, p. 189)

Santo Agostinho se utilizará uma analogia para explicar a relação que o homem deve ter com Deus e o mundo que o circunda dentro desses conceitos de uso, fruição e amor.

Suponhamos que somos peregrinos, que não podemos viver felizes a não ser em nossa pátria. Sentindo-nos miseráveis na peregrinação, suspiramos para que o infortúnio termine e possamos enfim voltar à pátria. Para isso, seriam necessários meios de condução, terrestre ou marítimo. Usando deles poderíamos chegar a casa, lá onde haveríamos de gozar. Contudo, se a amenidade do caminho, o passeio e a condução nos deleitam, a ponto de nos entregarmos à fruição dessas coisas que deveríamos apenas utilizar, acontecerá que não quereríamos terminar logo a viagem. Envolvidos em enganosa suavidade, estaríamos alienados da pátria, cuja doçura unicamente nos faria felizes de verdade. (AGOSTINHO, A doutrina cristã, I 4,4 p.34-35)

Assim Agostinho compreenderá, a partir do *ethos* cristão, que a morada verdadeira do homem é Deus, a Jerusalém celeste, usando a terminologia bíblica. O homem apenas peregrina nessa vida. Para alcança-Lo, Deus dispôs os diversos bens a serem usados pelo homem, mas apenas para que, se utilizando desses bens, chegue-se a Ele. Se o homem frui de coisas as quais deveria apenas usar ele introduz desordem na criação, o mal.

Então, Santo Agostinho tratará do que se deve amar. Ele falará de quatro “objetos” a serem amados: um acima do homem, Deus; o segundo, a si mesmo; o terceiro, ao lado do homem, isto é, seu próximo; e por último, abaixo do homem, isto é, o seu corpo. Conforme Agostinho não é preciso de mandamentos para que o homem ame a si próprio e ao próprio corpo, isso é natural a todo homem, mas para Deus e ao próximo, o homem precisa de auxílio para amar ordenadamente.(AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, I 23,22 p.43)

Santo Agostinho explicará que o homem não deve se amar por si mesmo, mas com referência a Deus. É claro que todo homem tem amor por si mesmo e isso é bom, mas o que Agostinho objeta é que o amor de si tem de fruir a Deus de outro modo torna-se um amor desordenado.

A observar-se com precisão, ninguém deve gozar de si próprio, porque ninguém deve se amar por si próprio, mas por aquele de quem há de gozar. Então, é perfeito o homem quando orienta toda sua vida para a Vida imutável e adere a ela com todo o seu afeto, enquanto o fato de se amar por si próprio não tem referência a Deus. É voltar-se para si próprio, e não para o Ser imutável. Por isso, ninguém pode fruir de si próprio sem alguma perda. Desse modo, quando o homem se une totalmente ao Bem imutável e abraça-o, é mais perfeito do que quando dele se separa e volta-se sobre si próprio. (AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, I 22,21 p.42)

De forma semelhante Santo Agostinho compreenderá o amor ao próximo. Ele parte do preceito do evangelho de amar o próximo e explica que também esse amor tem um modo de ser exercido. Todo homem tem o dever de amar o próximo, já que este constitui um bem sagrado, criado por Deus, e o próprio Senhor forneceu uma lei a esse respeito. Agostinho(*A doutrina cristã* I 22,21 p.46) explicitará que deve ser considerado como próximo aqueles “que nos estão mais ligados pelas circunstâncias concretas de tempo e de lugar, ou por quaisquer outras, de ordem diferente” donde se compreende que a família, os parentes e os amigos devem receber maior amor. Mas tampouco o amor pode se deter aqui. O próximo é visto, por Santo Agostinho, como coisa da qual usamos para chegar a Deus. Pode-se fruir também das coisas, nesse caso do homem, mas o amor deve alcançar o seu fim Eterno, ele não pode se deter em nenhuma criatura, mas tão somente no Criador. Conectado

com o amor ao próximo, para Agostinho, está o amor de Deus. Em diversas ocasiões, Agostinho falará do preceito do duplo amor, se referindo ao preceito evangélico de amar ao próximo e a Deus.

Logo, quem ama retamente o seu próximo deve tratar que esse alguém também ame a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu espírito. Amado-o assim como se ama a si próprio, referirá todo o amor, próprio e alheio, naquela direção do amor de Deus que não tolera que se extravase e perca nenhum arroiozinho que venha a diminuir seu ímpeto. (AGOSTINHO, A doutrina cristã, I 22,21 p.43)

Assim, Santo Agostinho compreende, refletindo o evangelho, que não se pode amar a Deus sem amar o próximo. São dois preceitos, mas estão conectados e formam um só. O amor frui de Deus e atinge o próximo. Gilson e Boehner (2012, p. 190) discutirão que não se ama o próximo da mesma forma como se ama os objetos. Dentro dos conceitos de uso e fruição o próximo é sim uma “coisa”, dado que ele é um meio do amor chegar a Deus, não um fim em si mesmo. Mas conforme já comentado, considerando o homem com seus semelhantes, deve-se amar o próximo com um amor igual ao próprio. Amamos as coisas em atenção a nós mesmos, pelos quais elas perdem a sua existência. Ao próximo no entanto, se ama em atenção por ele mesmo, como tal. Assim, para Agostinho o amor visa, fundamentalmente, o bem. E Deus, sendo o sumo bem, o ser por excelência, deve ser amado sobre todas as coisas. É necessário salientar aqui um ponto. Aos objetos nós amamos em função de nós mesmos, ao próximo, o devemos amar por ele mesmo, ou como nos amamos a nós mesmos. Mas como, no entanto, se ama a Deus, que é o ser absoluto? A Deus, Gilson e Boehner (2012, p. 190-191) vão comentar, só se pode amar de modo perfeito, se o amor for absoluto. A Deus deve-se amar totalmente, sem esperanças de retribuição. Deus é o sumo bem, acima dele não há nenhum outro. Dessa forma, se se ama outra coisa mais que a Ele, perderia Ele e então perderia todo o bem. É a este amor que se entrega livremente, possuindo seu objeto, que se chama de caridade.

Por fim Agostinho concluirá sua reflexão oferecendo a sua definição de ordem do amor. Cada objeto deve ser amado com a medida própria de amor que lhe cabe de forma que o amor do homem atinja a fruição em Deus.

Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àqui-

lo que deve ser menos amado, nem ama com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais, nem ama menos ou mais o que convém amar de forma idêntica. (AGOSTINHO, A doutrina cristã, I 27,28 p.46)

É a partir do conceito agostiniano de ordem do amor que se amarram todos os fios da ética agostiniana. Conforme explica Vaz (2009, p.194) Agostinho concebe o seu universo a partir da ideia clássica de ordem, a partir disso o indivíduo realiza o bem na sociedade e no seu mundo através da prática da virtude, que vai ordenar o seu agir no sentido do seu fim, que é a beatitude. Desse agir ordenado do amor e da prática da virtude emanam a paz no indivíduo e na sociedade. Agostinho se utilizará desse esquema e o reinterpretará conforme o *ethos* cristão. Assim Deus, que se revela na pessoa de Cristo, se apresenta como o início de tudo, por quem é criado o universo perfeitamente ordenado, e o fim, que se revela como a beatitude suprema do homem. O homem é inserido nesse esquema através da prática da virtude e do amor ordenado.

A ideia de *ordem* é a ideia normativa de toda existência ética segundo Agostinho. Por ela a conformidade com o *bem* que é, por definição, o *fim*, orienta a vida do indivíduo no sentido do bem realizado, ou seja, na busca da *beatitude*, e realiza o bem no indivíduo e na sociedade na forma da *paz*, ou seja, na “tranquilidade da ordem”. Na contemplação do universo teocentricamente ordenado e cuja ordem tem sua consistência definitiva na mediação cristológica, a Ética como conhecimento e como prática é sobrelevada e transfigurada pela Sabedoria (*sapientia*) que é verdadeiramente o ápice da razão ético-teológica em Agostinho. É, em suma, da *sabedoria* que fluem, como de sua fonte primeira, os preceitos e normas que devem ordenar, em seus diversos estados e atividades, a vida dos indivíduos e a concórdia dos Estados. (VAZ, 2009, 196)

Essa é a estrutura geral presente na ética de santo Agostinho, conforme Vaz (2009, p.193) explica. É a partir dela que santo Agostinho definirá a virtude como ordem do amor. Gilson e Boehner (2012, p. 191) dirão que a caridade realiza perfeitamente o bem. Quem ama, não pode deixar de cumprir a justiça. A perfeição no amor, é também a perfeição na justiça. A caridade portanto, não é apenas o coração da moralidade para Santo Agostinho, é a própria vida moral. “Quem diz caridade, diz amor; quem diz amor, diz vontade; quem diz vontade, diz atividade; Assim o amor, por sua mesma natureza, tende a traduzir-se em atos.” (Gilson; Boehner, 2012, p. 191) De que outra forma poderia amar perfeitamente o bem absoluto e deixar de cumprir a justiça? É nesse sentido que se compreende a conhecida máxima de Santo Agostinho: *Ama e faze o que quiseres*. Agostinho entende a virtude como sendo a submissão do amor à ordem. (GILSON, 2007, p. 317)

O amor, que faz com que a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude, que traz consigo o viver bem. Por isso, parece-me ser a seguinte a definição mais acertada e curta de virtude: A virtude é a ordem do amor. (AGOSTINHO, A Cidade de Deus parte II p. 241)

### 3. CONCLUSÃO

Santo Agostinho foi um autor muito influente na filosofia e na teologia. Sua vida reflete a desesperada busca de um homem pela verdade. Desde que leu o clássico diálogo de Cícero, despertou em si um grande amor pela sabedoria. Será na vida de Santo Agostinho que será realizada a mais profunda síntese entre filosofia e fé cristã. A partir de Agostinho pode-se falar em ética cristã. Ele vai sistematizar o *ethos* cristão transpondo muitos conceitos e categorias da filosofia grega para o *ethos* cristão. A ética de Santo Agostinho influenciará toda a Idade Média. Conforme diz Vaz

“Assim como o fez em seus fundamentos com as ideias de *ordem* e *beatitude*, assim nesse alto cimo de sua reflexão ética com a ideia de *sabedoria*, Agostinho recebe a herança da Ética antiga para transmiti-la aos tempos medievais e modernos profundamente repensada e reorientada à luz do *ethos* cristão. O caminho da ética ocidental inflecte aqui em novas direções seus rumos e define-se por largos séculos como Ética cristã.” (VAZ, 2009, p. 196-197)

Santo Agostinho olha para o universo e encontra um Deus que organiza e ordena esse universo. O homem que se encontra nesse lugar, deve auxiliar a ordem estabelecida. Para isso ele vai organizar também a sua alma, de modo que esta reflita a ordem do universo. Deus que se apresenta como o princípio da ordem, e se revela também como o seu fim. Deus é a suprema felicidade a que o homem pode aspirar. O ser humano só pode encontrar a felicidade verdadeira, buscando os bens da alma. Dessa forma ele há de direcionar o seu agir na busca desses bens, que, para Santo Agostinho, se traduz na prática das virtudes, serão elas que vão conferir ordem à alma do homem.

O amor se apresenta como o meio eficaz para dar verdadeiro sentido ao agir humano. A ética de Santo Agostinho gira em torno do conceito cristão de amor. Agostinho compreenderá que é dever do homem direcionar o seu amor de forma correta aos diversos objetos que se apresentam ao homem. O amor ordena o interior do homem, a sua alma, e o põe em relação com seus semelhantes. O amor do homem deve perpassar por todos os seres com os quais ele se relaciona, sem se deter em nenhum deles mas alcançando seu fim que é o Deus criador do universo. O amor do homem se identifica, para Agostinho, com a prática da virtude e esses conceitos, amor e virtude, estão inseridos no âmbito de um mundo ordenado teologicamente. Deus, que se apresenta como o início da ordem do universo, se revela como seu fim, a beatitude que o homem pode alcançar se perseverar na prática da ordem do amor. Assim se o homem encontrar-se ordenado interiormente e exteriormente ele contribui para o bem do meio em que permanece, que, nos termos do *ethos* cristão, se traduz como paz. A paz do indivíduo se junta para realizar a paz da sociedade. Agostinho não tem

ilusões de um mundo utópico onde todos se amam e tudo está em paz. Neste todo se insere o problema do mal. Categoria que, conforme o *ethos* cristão, ameaçou a raça humana e fez da perfeição divina, a imperfeição humana, o pecado. A vontade do homem se encontra viciada pelo mal e pelo pecado e o homem estará sempre dividido, numa guerra contínua contra sua própria vontade que o arrasta para o mal. Nem todos sustentam essa luta até o fim e portanto, junto com os filhos da luz, estão os filhos das trevas. Estes últimos se juntam para se oporem aos primeiros. Apesar disso o mal não afeta a ordem das coisas. Agostinho descobre que o mal se apresenta como uma ausência, como uma falta, uma privação do ser. E é a vontade humana que, desordenada o faz surgir. Mas mesmo o homem pecador ainda contribui para a ordem das coisas. O mal, que surge para introduzir a desordem, não consegue apaga-la, pelo contrário, o mal fundamenta ainda mais Deus como supremacia absoluta. Será dessa forma que Santo Agostinho vai compreender a formação da sociedade. O homem tem o livre arbítrio. Ele é capaz de dar um sentido bom ou mal para as suas ações. Se o homem opta por fazer o bem, ele contribui para a beleza e a ordem da criação. O homem realiza o seu bem praticando as virtudes. Agostinho relaciona as virtudes com o preceito evangélico do amor, a respeito do qual vai introduzir o conceito principal de sua ética, a ordem do amor. É dirigindo o seu amor corretamente às coisas e aos seres, que o ser humano encontra seu papel na ordem da criação, e é isso o que também conduz o homem a seu fim supremo, Deus.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, SANTO. *A Cidade de Deus: contra os pagãos Parte II*. edição digital. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes/ São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2017.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística; 10)

\_\_\_\_\_. *A Ordem*. In: AGOSTINHO, SANTO. *Contra os Acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma, O Mestre*. Tradução de Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística; 24)

\_\_\_\_\_. *O livre-arbítrio*. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 8)

\_\_\_\_\_. *A vida feliz*. In: AGOSTINHO, SANTO. *Solilóquios, A Vida Feliz*. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística; 11)

\_\_\_\_\_. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística; 17)

\_\_\_\_\_. *Comentário aos Salmos 1-50*. Tradução das monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística 9/1)

\_\_\_\_\_. *Of the morals of the catholic church*. Tradução de Rev. Richard Stothert. In: SCHAFF, Philip.(editor). *Nicene and post-nicene fathers*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1995.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 5ª ed.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2010. 2ª ed.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. *História da Filosofia Cristã*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 13ª ed.

GIOVANNI, Reale. *Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.